

Boa Nova para cada dia / janeiro 2019

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Manuel Morujão, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo do Natal – *Santa Maria, Mãe de Deus / Epifania do Senhor / Batismo do Senhor*

Tempo Comum – *Conversão de S. Paulo, Apóstolo*

TEMPO DO NATAL

Ter, 1 – Santa Maria, Mãe de Deus (Solenidade)

Dia Mundial da Paz

Num 6, 22-27 / Slm 66 (67), 2-3.5-6.8 / Gl 4, 4-7 / Lc 2, 16-21

Iniciando um novo ano, 2019 depois de Cristo, celebramos a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus. A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II fez começar o ano civil festejando Nossa Senhora, simples criatura humana, que Deus assumiu como a sua própria Mãe no mistério da encarnação de Jesus Cristo.

A leitura do livro dos Números refere a mais famosa de todas as bênçãos contidas na Sagrada Escritura: «O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te seja favorável. O Senhor volte para ti os seus olhos e te conceda a paz». Esta fórmula foi ensinada pelo próprio Deus a Moisés, e era usada no templo como conclusão da liturgia diária. À sua semelhança, também terminam com uma bênção

as nossas atuais liturgias eucarísticas. Esta fórmula sagrada nunca podia ser usada para amaldiçoar, como será hoje um abuso sacrílego utilizar expressões semelhantes para desejar mal a alguém.

Nos salmos, somos convidados repetidamente a bendizer a Deus: «Bendizei o Senhor, todos os servos do Senhor... Elevai as vossas mãos em oração e bendizei o Senhor» (134, 1-2). Assim respondemos aos benefícios que recebemos de Deus, explicitando a nossa consciência de tantas graças recebidas.

O povo de Israel esperava uma bênção bastante material, ligada às vitórias sobre os inimigos e à prosperidade no bem-estar. Mas, chegada a plenitude dos tempos, Deus ofereceu-lhe o seu próprio

Filho. É no contexto litúrgico natalício que estamos celebrando o melhor presente de Deus à humanidade: Jesus Cristo.

Na vez em que S. Paulo se refere a Nossa Senhora, recorda que «Deus enviou ao mundo o seu Filho, nascido de uma mulher... para nós tornar seus filhos adotivos». É uma graça maravilhosa que devemos não só agradecer a Deus, mas também a Maria. Por Ela, nos tornámos filhos de Deus e, portanto, herdeiros da felicidade eterna que Ele nos quer oferecer.

No Evangelho encontramos os pastores, pessoas humildes e simples, a quem é concedido o privilégio de serem os primeiros a chegar à gruta de Belém e de encontrarem a sagrada família já com o *Emanuel*, Deus conosco nascido. Nada viram de extraordinário, mas uma pobre criança com Maria e José, tendo reconhecido a chegada do Messias salvador.

Aqui se diz que o Deus Menino é posto numa manjedoura. Na Eucaristia, o mesmo Jesus é-nos oferecido como alimento, tão nosso Se faz o *Emanuel*.

O evangelista Lucas sublinha a atitude contemplativa de Nossa Senhora: «Maria conservava todas estas palavras (dos pastores), meditando-as em seu coração». É a atitude inversa à superficialidade de quem se deixa submergir por factos e informações, sem ponderar por dentro a mensagem que está para além das fachadas e aparências. Muito temos a aprender com a fé simples dos pastores e com a profundidade espiritual de Maria.

Desde 1968, por decisão do Papa S. Paulo VI, se celebra o «Dia Mundial da Paz» no primeiro dia do ano. A paz continua a ser uma aspiração fundamental e urgente das famílias, povos e nações. Por intercessão de «Maria, Rainha da Paz», pedimos ao «Deus da Paz» que nos conceda a graça da paz.

Qua, 2 – S. Basílio Magno e S. Gregório Nazianzeno (Memória)

1 Jo 2, 22-28 / Slm 97 (98), 1-4 / Jo 1, 19-28

Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? (1ª Leit.)

Em tempos tão conturbados como os nossos, em que nos fazem passar que todas as ideias valem desde que não sejam as tradicionais difundidas pelo homem, pior se for branco, pior se vier da civilização cristã ocidental, ainda pior se defender a família e a vida, é altura de se proclamar alto que Jesus é o Cristo, que o Papa é o nosso líder espiritual e que tudo isso tem

implicações nos valores que defendemos e transmitimos aos nossos e «na rua». Peçamos a Deus que os cristãos (nós) se afirmem com dignidade e sem respeitos humanos.

Mensagem ao leitor:

Estamos no 11º ano litúrgico destes comentários feitos por mim e resolvi dirigir-me pessoalmente ao leitor. Às vezes preocupo-me por haver temas repetidos. Mas, pensando bem, é bom que haja temas que se repitam. Há pensamentos que um dia não nos tocam e que outro dia nos tocam muito. É assim que as coisas vão entrando. É o que eu acho. O leitor diga de sua justiça. Agora, deixo um abraço de Bom Ano ao leitor e um agradecimento aos leitores que têm manifestado a sua opinião sobre estes comentários.

Qui, 3 – Tempo do Natal

1 Jo 2, 29 – 3, 6 / Slm 97 (98), 1.3-6 / Jo 1, 29-34

Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do Mundo. (Evang.)

Cristo é o sacrifício vivo que tirou o pecado do mundo uma vez por todas. Mas o pecado permanece. E a graça salvífica de Cristo também. Na cruz, Cristo, vítima de expiação pelos nossos pecados, obteve do Pai, definitivamente, o perdão dos nossos pecados: tirou o pecado do mundo. E com esse gesto adquiriu, para nós, o dom da vida nova na graça. Mas, na terra, as forças do Mal e do Bem digladiam-se. Hoje, peçamos que a vitória do Bem chegue o mais depressa possível.

Sex, 4 – Tempo do Natal / 1ª Sexta-Feira

1 Jo 3, 7-10 / Slm 97 (98), 1.7-9 / Jo 1, 35-42

Mestre, onde moras?... Vinde ver. (Evang.)

Também podemos ser nós a levar Jesus a diferentes sítios. Onde é que o vamos levar hoje? Ou amanhã? Talvez possamos fazer um plano porque talvez saibamos que no nosso emprego, na nossa família, nos nossos amigos há este ou aquele que está a precisar de um elogio, de uma palavra amiga, de desabafar. Ou nós. Eu. Eu, leitor. Estou a precisar de uma palavra de encorajamento, uma palavra de firmeza. O leitor fale com Deus sobre isso.

Sáb, 5 – Tempo do Natal / 1º Sábado

1 Jo 3, 11-21 / Slm 99 (100), 2-5 / Jo 1, 43-51

Todo aquele que odeia o seu irmão é homicida. (1ª Leit.)

O leitor talvez não tenha ódio a ninguém, mas talvez tenha um forte «não gostar» de alguém. Talvez tenha, lá no fundo, uns amargos de boca contra alguém. Reze por essa(s) pessoa(s), mesmo que isso lhe seja difícil. Peça docilidade de pensamento para com essas pessoas. Se não gostamos nada de alguém, não estamos muito dispostos a ter bons sentimentos face a essa pessoa. Mas talvez possamos pedi-los...

Dom, 6 – Epifania do Senhor (Solenidade)

Is 60, 1-6 / Slm 71 (72), 2.7-8.10-13 / Ef 3, 2-3.5-6 / Mt 2, 1-12

«Epifania» significa manifestação, revelação. Nesta solenidade celebramos Jesus que é apresentado a todos os povos, para além do clima de intimidade familiar do Natal. O nosso Natal é celebrado pelos cristãos do Oriente nesta festa.

A passagem do profeta Isaías é das páginas mais poeticamente belas de toda a Sagrada Escritura. Aqui se relata o volte-face dos acontecimentos dramáticos da conquista e destruição de Jerusalém, no ano 587 a.C., pelos exércitos da Babilónia. Agora, tudo é luz, paz e glória, no regresso dos exilados que voltam à sua pátria, à cidade santa de Jerusalém.

S. Paulo fala-nos do mistério de Cristo que lhe foi dado a conhecer e que transmite aos que encontra na sua missão apostólica. É uma graça que não pode ficar encerrada num cofre,

mas que é para oferecer a todos os povos. Não se trata de um privilégio concedido apenas aos judeus, mas é para comunicar a todos: «os gentios recebem a mesma herança que os judeus, pertencem ao mesmo corpo e participam da mesma promessa, em Cristo Jesus, por meio do Evangelho».

No Evangelho encontramos o episódio dos Magos vindos do Oriente, que se dirigem para destino incerto, procurando o recém-nascido rei dos Judeus. Perante o rei Herodes afirmam: «Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-Lo». É-nos dito que Herodes ficou inseguro, temendo ser suplantado, procurando informações para se poder desfazer de Jesus menino.

Desde os tempos das primeiras cristandades, os Magos suscitaram grande interesse, tendo nasci-

do muitas lendas: os Magos foram apresentados como reis, sendo três (embora no texto de S. Mateus não se indique o número nem se aponte a sua realeza), dando-se-lhes mesmo nomes (Belchior, Baltasar e Gaspar), que acabaram por se encontrar vindos da Ásia, da África e da Europa. As suas relíquias estiveram em Constantinopla, depois em Milão, até 1162, altura em que foram para a catedral de Colónia, na Alemanha.

Com este relato evangélico, S. Mateus quer dizer-nos que o que é indicado na leitura do profeta Isaías se cumpriu plenamente. O Messias chegou e é adorado pelos povos pa-

gãos, representados pelos Magos, que se dirigem a Jerusalém, oferecendo a Deus Menino ricos presentes, prostrando-se em adoração. A tradição popular aplicou aos dons oferecidos um significado simbólico: o ouro é o reconhecimento de Jesus como rei; o incenso significa a adoração de Deus que é aquele Menino; a mirra representa a humanidade de Deus encarnado.

Os Magos são imagem da Igreja, que não tem fronteiras, acolhendo a todos e congregando pessoas de todas as línguas, raças, povos e nações. No respeito da identidade de cada um, cria unidade na diversidade.

Seg, 7 – Tempo do Natal depois da Epifania

1 Jo 3, 22 – 4, 6 / Slm 2, 7-8.10-11 / Mt 4, 12-17.23-25

Nós recebemos de Deus tudo o que Lhe pedirmos porque cumprimos os seus mandamentos. (1ª Leit.)

Mas, de facto, isso não acontece. É porque pedimos contra os planos de Deus. Normalmente, os nossos pedidos vão no sentido de nos ser poupado sofrimento. Ou a outras pessoas. Só que Deus não criou um mundo onde não houvesse sofrimento. Deus não podia ter criado algo perfeito – sem dor – porque perfeito só Deus. Nós temos é de pedir ao Espírito Santo que peça em nós e por nós. O leitor faça isso hoje.

Ter, 8 – Tempo do Natal depois da Epifania

1 Jo 4, 7-10 / Slm 71 (72), 2-4ab.7-8 / Mc 6, 34-44

Não fomos nós que amámos a Deus [em primeiro lugar], mas foi Ele. (1ª Leit.)

Ao criar-nos, Deus enche-nos com o seu amor. Todas as nossas manifestações de amor são manifestações – a uma distância infinita – do

amor de Deus. Quando amamos, estamos a amar «com o amor de Deus». A nossa tarefa é tornar esse amor cada vez mais saliente, mais presente, mais notável. Peçamos a Deus que, ao amar, sejamos canais cada vez mais perfeitos do seu amor.

Qua, 9 – Tempo do Natal depois da Epifania

1 Jo 4, 11-18 / Slm 71 (72), 2.10-13 / Mc 6, 45-52

Se Deus nos amou tanto, também nós devemos amar-nos uns aos outros. (1ª Leit.)

Se Deus nos amou tanto, não devíamos nós estar tão cheios de amor que amássemos automaticamente? Só se tivermos tomado consciência desse amor. Temos de sentir esse amor. Podemos sentir esse amor na oração – ou não – ou através das pessoas que nos amam. Ou com a ajuda da educação que tivemos em pequenos, que também é uma manifestação de Deus. Quanto mais em contacto estivermos com Deus, melhor amamos. O leitor medite no que será para si amar «melhor».

Qui, 10 – Tempo do Natal depois da Epifania

1 Jo 4, 19 – 5, 4 / Slm 71 (72), 2.14-15bc.17 / Lc 4, 14-22

Nós devemos amar porque Deus nos amou primeiro. (1ª Leit.)

Nós devemos amar. Nós devemos não ser egoístas. Devemos ser educados. Não devemos escolher a comida. A que propósito é que isto vem agora? É que eu já reparei que a comida é das coisas que mais mexe connosco e que mais revela o quanto em pequenos nos disseram que (e como) devíamos amar. Comer evangelicamente exige um amor imenso. Ou uma boa educação. Muitas vezes, as boas maneiras aproximam-nos do Evangelho. Hoje, o leitor peça maneiras evangélicas. (E fomente-as nos menores.)

Sex, 11 – Tempo do Natal depois da Epifania

1 Jo 5, 5-13 / Slm 147, 12-15.19-20 / Lc 5, 12-16

Estando Jesus em certa cidade, apareceu um homem cheio de lepra. (Evang.)

E Jesus curou-o. Na nossa vida, há uma instituição que tem lepra: o Fisco. E também a podemos curar. Rezando por ela. Temos alguma margem para que nos tirem menos impostos. Um vez isso feito, não há apelo nem

agravo. O que eu hoje venho propor ao leitor é que reze para que os nossos impostos sejam bem aplicados. (Ou tem falta de fé?)

Sáb, 12 – Tempo do Natal depois da Epifania

1 Jo 5, 14-21 / Slm 149, 1-6a.9b / Jo 3, 22-30

Esta é a confiança que temos em Deus. (1ª Leit.)

«Se Lhe pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, Ele escuta-nos», continua S. João. Deus quer que Lhe peçamos. Nem sempre basta que Deus tenha uma vontade a nosso respeito para ela acontecer. Deus quer que a peçamos. O problema é nós nunca sabermos bem o que é a vontade de Deus. O melhor é pedirmos os dons do Espírito Santo. Isso é sempre vontade de Deus. Quanto aos malefícios da vida, nós pedimos que Deus nos livre deles, mas Deus pode permiti-los.

Dom, 13 – Batismo do Senhor (Festa) – Ano C

Is 42, 1-4.6-7 / Slm 28 (29), 1-4.9-10 / At 10, 34-38 / Lc 3, 15-16.21-22

Jesus, que não precisava de batismo, quis ser batizado. Esta festa é ocasião para celebrar a Cristo, no qual todo o cristão é batizado, nosso modelo e ideal de vida.

Na leitura de Isaías encontramos a Deus que elege o seu servo. As escolhas de Deus não são promoções nem predileções exclusivistas. As suas escolhas são para realizar uma missão concreta em favor do seu povo.

O que o profeta diz em relação ao «servo do Senhor», cinco séculos antes de Cristo, tem a sua realização plena em Jesus de Nazaré. E qual é o seu modo de realizar a missão? Não se trata de partir do zero e criar

tudo de novo. A sua pedagogia está em saber aproveitar tudo o que há de bom naqueles a quem é enviado: «Não gritará, nem levantará a voz, nem se fará ouvir nas praças; não quebrará a cana fendida, nem apagará a torcida que fumeja; proclamará fielmente a justiça». Este modo de atuar deve ser ocasião para um exame de consciência sobre o modo como nós nos relacionamos com os outros, como desempenhamos a nossa missão. Aproveitamos ou destruímos? Condenamos ou animamos? Descarregamos sobre os outros as nossas impaciências ou sabemos esperar que a semente do bem dê o fruto a seu tempo?

Na leitura dos Atos dos Apóstolos, relata-se o discurso feito por Pedro, em Cesareia, na casa de Cornélio. Nas primeiras comunidades cristãs, discutia-se se o batismo se podia conceder aos pagãos, que não tinham a cultura e as tradições de Israel. Pedro intervém de um modo incisivo, que não deixa margem para dúvidas: «Eu reconheço que Deus não faz aceção de pessoas, mas, em qualquer nação, aquele que O teme e pratica a justiça Lhe é agradável». As portas da Igreja abrem-se de par em par. É uma clara experiência de «Igreja em saída», usando a expressão do Papa Francisco, o último sucessor de Pedro.

No Evangelho, encontramos o precursor do Messias, João Batista. Não chama a atenção sobre si, exaltando o valor da sua pessoa e missão. Aponta para um novo batismo que Jesus inaugurará: «Ele batizar-vos-á com o Espírito Santo e com o fogo». João exalta Jesus, achando-se até indigno de desatar as correias das suas sandálias. É uma atitude

exemplar de quem ultrapassa carreirismos e invejas.

A celebração do batismo dá-se num clima de oração e não de simples cumprimento de um ritual, como devem ser todas as celebrações dos seguidores de Cristo. Esta insistência sobre a oração é característica do evangelista S. Lucas, aparecendo Jesus uma dezena de vezes a falar com o Pai. Jesus reza para viver unido a quem O enviou em missão à terra. Não é para dar exemplo de edificação, mas porque sente a necessidade de viver unido ao Pai.

A cena do batismo de Jesus concluiu-se com uma declaração solene de grande ternura de Deus Pai para com Jesus: «Tu és o meu Filho muito amado: em Ti pus toda a minha complacência». É a confirmação explícita da excelente relação paternal de Deus Pai com Jesus, que Se compromete com a missão a que O enviou à terra. Como batizados, deveremos facilitar que Deus tenha uma semelhante relação de amor connosco.

TEMPO COMUM

Seg, 14 – Semana I do Tempo Comum

Hebr 1, 1-6 / Slm 96 (97), 1-2b.6-7c.9 / Mc 1, 14-20

Nestes dias, que são os últimos, [Deus] falou-nos por seu Filho. (1ª Leit.)

De alguma maneira, todos nós estamos a viver os últimos dias da nossa vida. Só que, normalmente, não pensamos em termos de dias. Mas e se

fossem mesmo dias? Será que mudávamos alguma coisa na nossa maneira de proceder? Será que nos empenhávamos mais em alguma coisa? Será que aproveitávamos melhor o tempo? Será que...? Será que, pensando nisso, podemos, agora, melhorar alguma coisa no nosso proceder? O leitor fale sobre isso com Deus.

Ter, 15 – Semana I do Tempo Comum

Hebr 2, 5-12 / Slm 8, 2a.5-9 / Mc 1, 21b-28

Aquele que santifica e os que são santificados procedem todos de um só. (1ª Leit.)

Sermos santificados significa que, por toda a eternidade, vamos participar da vida de Deus. O que começa desde já, quando agimos retamente. E essa graça vem-nos de Jesus Cristo, que procede do Pai. Mas podia não ser assim. Podíamos ter sido criados para uma vida puramente terrena, sem perspectivas do Além. Por isso, hoje agradeçamos a Deus a nossa vida sem fim junto d'Ele, que é a maior graça que temos.

Qua, 16 – Semana I do Tempo Comum

Hebr 2, 14-18 / Slm 104 (105), 1-4.6-9 / Mc 1, 29-39

Destruir (...) aquele que tinha poder sobre a morte. (1ª Leit.)

Todo o pecado é morte da graça. Todo o pecado é poder da morte sobre a Vida. Mas a graça, o Bem, tem um poder regenerador. Não devemos, pois, desistir, muito menos desesperar. Mas um desespero momentâneo é melhor do que uma longa desistência. Nunca devemos desistir de nos regenerarmos de um pecado. Às vezes, já não é um pecado, porque já não temos liberdade. É um hábito mau. Um hábito mau é difícil de combater. Hoje, o leitor peça essa graça.

Qui, 17 – Santo Antão (Memória)

Hebr 3, 7-14 / Slm 94 (95), 6-11 / Mc 1, 40-45

Se ouvirdes hoje a voz do Senhor, não endureçais os vossos corações. (Salmo)

Pode ser o anúncio de uma coisa tão boa que duvidamos. Pode ser um pedido que achamos difícil. Pode ser uma necessidade de um irmão cuja resposta andamos há muito a adiar. Etc. E sobre tudo isso podemos ser

tentados a pôr para trás das costas, a querer esquecer. O leitor veja se ontem Deus lhe disse alguma coisa a que o leitor não quis ligar ou se tem alguma situação escondida «lá atrás das costas».

Sex, 18 – Semana I do Tempo Comum

1º Dia do Oitavário pela Unidade dos Cristãos

Hebr 4, 1-5.11 / Slm 77 (78), 3.4bc.6c-7.8 / Mc 2, 1-12

Não entrarão no meu repouso. (1ª Leit.)

Hoje o leitor medite sobre o Céu. O Céu é uma realidade dinâmica, onde as pessoas se relacionam com Deus «cara a cara» e umas com as outras. Esse relacionamento está imbuído do amor de Deus em toda a medida que o nosso espírito o pode ir recebendo. Recebendo, porque a nossa receção do amor de Deus vai aumentando por toda a eternidade e, portanto, a relação com Deus e com os outros habitantes do Céu também vai aumentando infinitamente.

Sáb, 19 – Semana I do Tempo Comum

2º Dia do Oitavário pela Unidade dos Cristãos

Hebr 4, 12-16 / Slm 18 B (19), 8-10.15 / Mc 2, 13-17

Vamos, portanto, cheios de confiança, ao trono da graça. (1ª Leit.)

«A fim de alcançarmos misericórdia e obtermos a graça de um auxílio oportuno». Esta podia ser a nossa oração de hoje. Vamos junto de Deus cheios de confiança na sua misericórdia e na sua ajuda. Mas não só vamos junto de Deus. Podemos dizer: «vamos começar o nosso dia cheios de confiança na misericórdia de Deus e na sua ajuda». Isto é uma maneira repousante de começarmos o nosso dia. O leitor experimente.

Dom, 20 – Domingo II do Tempo Comum – Ano C

3º Dia do Oitavário pela Unidade dos Cristãos

Is 62, 1-5 / Slm 95 (96), 1-3.7-10 / 1 Cor 12, 4-11 / Jo 2, 1-11

O profeta Isaías, falando em nome de Deus, relata o amor do Senhor pelo seu povo, apesar de todas as

infidelidades e dos acontecimentos mais trágicos. Depois do cativeiro de Babilónia, os Israelitas regressam

à sua terra, encontrando destruição e ruínas e profanada a cidade santa de Jerusalém.

Isaías usa aqui a imagem da vida conjugal: Deus é o esposo que ama a sua esposa, Israel. Apesar das suas infidelidades, promete-lhe um amor superlativo: «Serás coroa esplendorosa nas mãos do Senhor, diadema real nas mãos do teu Deus... Serás a predileta do Senhor». Deus nunca desiste de nos amar. Mesmo que Lhe voltemos as costas, Ele conserva sempre os braços abertos para nos acolher misericordiosa e festivamente.

S. Paulo, nesta passagem da sua 1.^a Carta aos cristãos de Corinto, dá-nos uma lição sobre os carismas ou dons que Deus nos concede para proveito comum. Havia contendas nesta comunidade, pois os carismas (termo que significa dom gratuito de Deus) eram aproveitados para sobressair, para afirmar o próprio valor, para competir.

Os dons que Deus nos dá não podem ser armas de combate contra alguém, não podem ser usados como pedestais para alguém ficar em plano superior aos outros. Os dons, os carismas são instrumentos de serviço, de ajuda fraterna, que devem criar unidade numa comunidade: «Há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos. Em cada um se ma-

nifestam os dons do Espírito para proveito comum».

No Evangelho, entramos numa festa de casamento, que tem uns convidados especiais: Maria, a Mãe de Jesus, o próprio Jesus e os seus discípulos. Surpresas complicadas e dissabores azedos podem acontecer em qualquer ocasião, mesmo numa festa solene. Neste caso, foi a falta de vinho. Faltar vinho numa festa é torná-la um funeral. Não faltou carne ou peixe ou qualquer alimento substancial. Mas a beleza de uma obra de arte está nos pormenores.

Maria interveio discretamente, como mãe atenta. Nada pede e muito menos impõe a seu Filho. Sugere delicadamente a Jesus: «Não têm vinho». E solicita aos serventes: «Fazei tudo o que Ele vos disser». É uma mensagem de Maria Mãe, que cada um de nós seus filhos deve ouvir cada dia.

Poderíamos pensar que Maria e Jesus estariam presentes na festa como controladores dos possíveis excessos, concretamente no uso do vinho. Mas não foi feito o antimilagres da transformação do vinho em água. Maria e Jesus arriscam na nossa felicidade. Assim estão também hoje na nossa vida. Jesus declarou: «Eu vim para que tenham vida e vida em abundância». Ele quer promover um clima de festa e ale-

gria na nossa vida: «Disse-vos isto para que a minha alegria esteja em vós e a vossa alegria seja completa».

A minha presença comunica alegria e consolação àqueles que encontro?

Seg, 21 – Santa Inês (Memória)

4º Dia do Oitavário pela Unidade dos Cristãos

Hebr 5, 1-10 / Slm 109 (110), 1-4 / Mc 2, 18-22

Para vinho novo, odres novos. (Evang.)

Se mudamos, não olhemos para trás. É o que nos diz Jesus quando nos diz que não se põem remendos de pano bom em tecido velho. O novo não se deve misturar com o velho, a vida nova não se deve misturar com a velha. Mas ficam resquícios da vida velha, tentações. Pois a vida velha não desaparece de repente. Peçamos a Deus a graça de uma boa conversão. O leitor veja em quê. (Há sempre coisas em que podemos progredir...)

Ter, 22 – Semana II do Tempo Comum

5º Dia do Oitavário pela Unidade dos Cristãos

Hebr 6, 10-20 / Slm 110 (111), 1-2.4-5.9 e 10c / Mc 2, 23-28

O Sábado foi feito para o homem. (Evang.)

Jesus desrespeitou a lei porque o homem é mais importante do que a lei. Todos nós temos o dever de desrespeitar a lei no caso extremo – só em casos extremos – de leis injustas, atentatórias dos nossos princípios cristãos. Por outro lado, temos a obrigação de seguir as leis da Igreja no meio de uma sociedade que se rege por leis cada vez mais desumanas e denunciar estas leis. Hoje, o leitor reze pela falta de amor à vida de alguns setores da nossa sociedade.

Qua, 23 – Semana II do Tempo Comum

6º Dia do Oitavário pela Unidade dos Cristãos

Hebr 7, 1-3.15-17 / Slm 109 (110), 1-4 / Mc 3, 1-6

Senta-te à minha direita até que Eu faça dos teus inimigos escabelo de teus pés. (Salmo)

Os nossos inimigos são os nossos pecados. Dos nossos pecados, e da luta que temos com eles, vamos tirando lições para o futuro. Vamo-nos

conhecendo melhor e aprendendo a lutar. Lutar não tem de ser com força. Pode ser com habilidade, com inteligência. E perseverança. Temos de estar preparados para lutar durante muito tempo. Mas hoje o leitor agradeça a Deus as suas conquistas.

Qui, 24 – S. Francisco de Sales (Memória) **7º Dia do Oitavário pela Unidade dos Cristãos**

Hebr 7, 25 – 8, 6 / Slm 39 (40), 7-10.17 / Mc 3, 7-12

Abriste-me os ouvidos. (Salmo)

Hoje proponho-lhe que peça esta graça: que Deus lhe abra os ouvidos. Que lhe vá abrindo os ouvidos. Para que quer o leitor que Deus lhe abra os ouvidos? Pense nisso. Será para as leituras da Missa o tocarem mais? Será para, nas suas conversas, ser capaz de discernir a Palavra de Deus? Quantas vezes nos sentimos acarinhados pela nossa família, pelos nossos amigos. Isso não é o espelho de Deus? E quantas vezes não o fazemos? Isso também é uma manifestação de Deus que devemos «ouvir». O leitor medite sobre isso.

Sex, 25 – Conversão de S. Paulo, Apóstolo (Festa) **8º Dia do Oitavário pela Unidade dos Cristãos**

At 22, 3-16 ou 9, 1-22 / Slm 116 (117), 1-2 / Mc 16, 15-18

Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura. (Evang.)

Já ouvimos o Evangelho centenas de vezes. Resta-nos fazer da nossa vida uma pregação. E muitas vezes já o fazemos. Partilhamos o Evangelho com amigos, pertencemos a grupos de vida cristã ou a comunidades religiosas, partilhamos a Palavra em casa. Além disso, ajudamos, estamos ao dispor. (Estamos?) Resta-nos aquele bocadinho de nós que ainda não demos. Que podemos dar, porque também não devemos dar aquilo que não podemos. Hoje, o leitor faça esse discernimento.

Sáb, 26 – S. Timóteo e S. Tito (Memória)

Hebr 9, 2-3.11-14 / Slm 46 (47), 2-3.6-9 / Mc 3, 20-21

Cristo... purificará a nossa consciência das obras mortas, para servirmos ao Deus vivo. (1ª Leit.)

O que serão as obras mortas? Naturalmente, obras sem vida, logo, que também não geram vida. Além disso, se permanecem, apodrecem e infetam o sítio onde estão, a consciência. Ora, é Deus que remove esses pesos mortos que espalham uma doença mortal. Mas temos de Lhe pedir essa graça. E depois colaborar com Ele. Podia ser a nossa oração de hoje...

Dom, 27 – Domingo III do Tempo Comum – Ano C

Ne 8, 2-6.8-10 / Slm 18 B (19), 8-10. 15 / 1 Cor 12, 12-30 / Lc 1, 1-4; 4, 14-21

A primeira leitura, do livro de Neemias, relata a tentativa de reorganização social e religiosa do povo de Israel, perante um clima de anarquia, passados já cerca de cem anos do regresso do exílio na Babilónia. O rei da Pérsia, Artaxerxes, de quem dependia a Palestina, envia a Jerusalém um sacerdote e escriba perito na Lei do Senhor, Esdras. Este deu ao povo como que um curso intensivo, apresentando de uma forma acessível o Livro da Lei: «diante de homens e mulheres e todos eram capazes de compreender».

Aqui encontramos um belo exemplo de tratar bem a Palavra de Deus, não improvisando, mas preparando tudo adequadamente, desde o lugar até ao modo como Esdras se dirigia ao povo, de forma compreensível, criando aceitação da palavra proclamada, que chegava mesmo à comoção das lágrimas.

Quando numa liturgia escutamos a Palavra de Deus, devemos ter a consciência de que, mais do que a

leitura de um livro sagrado, estamos a ouvir a Deus que hoje nos fala.

S. Paulo, escrevendo aos cristãos de Corinto, que se debatiam com o problema de rivalidades a propósito dos dons e carismas de cada um, usa a imagem do corpo humano. A diversidade dos membros e órgãos é para aceitar na complementaridade, sem entrar em despiques, cada um autoelogiando-se e menosprezando os outros.

Numa comunidade todos somos importantes, de modo diverso cooperando para a perfeição do corpo comunitário. O bem ou o mal de um é partilhado por todos, como acentua S. Paulo: «Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele». É com estes sentimentos de estreita solidariedade que assim vivo na família, na paróquia, na comunidade, no grupo de trabalho? S. Lucas, no prólogo do seu Evangelho, expõe os critérios que segue na sua reda-

ção, esclarecendo que não pertence ao grupo dos que conheceram pessoalmente Jesus. Escreve pelo ano 80 depois de Cristo, quando a Boa Nova de Jesus já tinha sido anunciada largamente no Império Romano. Ele firma a autoridade do seu testemunho no contacto com os apóstolos e discípulos que conheceram Jesus, «depois de ter investigado cuidadosamente tudo desde as origens». S. Lucas dedica a sua obra a Teófilo, «para que tenhas conhecimento seguro do que te foi ensinado». É que, como diz o ditado, *as palavras voam mas os escritos permanecem*. Era costume dos autores clássicos dedicar um livro a quem o patrocinava, dado que os pergaminhos eram caros e tudo o que envolvia a feitura de uma obra era custoso: peles, trabalho dos calígrafos...

A cena descrita passa-se na sinagoga de Nazaré, a terra onde Jesus passou a maior parte da sua vida, precisamente ao sábado. Coube-Lhe fazer a leitura do profeta Isaías, em que o Messias é anunciado: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres. Ele me enviou a proclamar a redenção aos cativos... e a proclamar o ano da graça do Senhor». Jesus, depois de Se sentar, na atitude do mestre que ensina a partir da sua cátedra, não faz comentários, mas anuncia que a profecia acabava de se cumprir.

Cabe-nos acolher a presença de Jesus na sua Igreja que, pela Palavra e pela Eucaristia, nos quer libertar de todas as cegueiras e prisões para vivermos na graça do Senhor, em clima jubilar.

Seg, 28 – S. Tomás de Aquino (Memória)

Hebr 9, 15.24-28 / Slm 97 (98), 1.2-6 / Mc 3, 22-30

Quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão. (Evang.)

Com «blasfemar», Jesus quer dizer que as pessoas estavam a chamar espírito impuro ao Espírito Santo que O habitava. Não só não reconheciam Deus, como O tomavam por um espírito impuro. Ora, evidentemente que este pecado não tem perdão porque nem sequer se reconhece quem pode perdoar. Isto talvez não aconteça na vida do leitor, mas o leitor pode pedir ao Espírito Santo que o ilumine para reconhecer Deus nas ações do seu irmão.

Ter, 29 – Semana III do Tempo Comum

Hebr 10, 1-10 / Slm 39 (40), 2.4ab.7-8a.10.11 / Mc 3, 31-35

Quem é minha Mãe e meus irmãos? (Evang.)

Será que nós gostávamos de ser a família de Jesus? Com certeza que não. Jesus andava constantemente fugido, porque as autoridades judaicas andavam atrás d'Ele e teve o fim que se sabe. Ser a família de Jesus era uma fonte de preocupações e de vergonha. Hoje, convido o leitor a meditar no que foi a vida pública de Jesus e a pedir a Deus a graça de sentir internamente tristeza e gratidão por tudo quanto Jesus sofreu por si. E o leitor peça também alguma empatia com o que Jesus sofreu.

Qua, 30 – Semana III do Tempo Comum

Hebr 10, 11-18 / Slm 109 (110), 1-4 / Mc 4, 1-20

A ti pertence a realeza. (Salmo)

Mas o reino de Deus «não é deste mundo». Neste mundo, Deus era frágil, pequeno, humilde, manso. Temos de nos lembrar sempre – porque os nossos rituais envolvem Jesus com grande pompa e temos um Jesus humilde feito de ouro para trazer ao pescoço – que essas roupagens nos podem distrair da verdadeira pessoa de Jesus. A realeza de Deus não tem nada a ver com a realeza humana. É isto que tem de entrar bem na nossa cabeça.

Qui, 31 – S. João Bosco (Memória)

Hebr 10, 19-25 / Slm 23 (24), 1-6 / Mc 4, 21-25

Para nos estimularmos à caridade. (1ª Leit.)

É uma obra de caridade ajudarmo-nos uns aos outros a ter caridade. Por exemplo, não irritarmos o outro contribui para que o outro tenha caridade. Mas uma coisa que também contribui muito para o mesmo fim é o nosso bom humor. O leitor cuide do seu humor. Fomente o seu bom humor e ele transmitir-se-á à sua volta. Quer dizer, não ande ao sabor do seu humor. Tenha um humor evangélico. Hoje medite sobre isto.